



ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO AMAZÔNICO

LITERACY AND LITERACY IN THE AMAZON CONTEXT

Esmeralda Santos da Costa¹
Rudervania da Silva Lima Aranha²

Resumo

O presente relato de experiência formativa, tem como objetivo fundante atuar pedagogicamente frente a um contexto de retorno dos estudantes, após o isolamento social como forma de conter o contágio por Covid-19, de notável crescimento, dos índices de crianças não alfabetizadas. Com o propósito de enfrentamento ao contexto de defasagem de aprendizagem da leitura e da escrita, busquei traçar metas que pudessem me auxiliar na conquista de melhores resultados de alfabetização e letramento, junto à turma do 3º ano do ensino fundamental. Nesse contexto, elaborei um projeto de aprendizagem contextualizado, com o propósito de promover, entre os estudantes, um sentimento de pertencimento ao contexto, que pudesse atenuar a complexidade que envolve o processo cognitivo, da aprendizagem da leitura e da escrita. Uma vez que, nós somos moradores da região Norte, especificamente no estado do Amazonas, que é a nossa casa e compreende boa parte do nosso referencial de vivências: de cultura, lazer e prazer. Assim, tendo o contexto amazônico como fonte inspiradora, busquei significar minha prática de alfabetização e letramento, de modo transdisciplinar, contextualizando-a a nossas vivências familiares locais: nossa culinária, cultura e história de diversidade: étnica, religiosa e cultural.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento; Projeto de Aprendizagem; Contexto Amazônico.

Abstract

The present report of a training experience has the fundamental objective of acting pedagogically in the context of students returning, after social isolation as a way of containing contagion from Covid-19, which has seen notable growth in the rates of illiterate children. With the purpose of confronting the context of learning gaps in reading and writing, I sought to set goals that could help me achieve better literacy and literacy results, together with the 3rd year elementary school class. In this context, I developed a contextualized learning project, with the purpose of promoting, among students, a feeling of belonging to the context, which could mitigate the complexity that involves the cognitive process of learning to read and write. Since we are residents of the North region, specifically in the state of Amazonas, which is our home

¹ Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação de Docentes da Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Graduação em Normal Superior, e-mail. esmeralda.costa@semed.manaus.am.gov.br

² Doutora em Educação (UFAM). Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/SEMED/Manaus; Integrante do Grupo de Pesquisa - GEPPE. <https://orcid.org/0000-0002-7111-0720>. E-mail: rudervania.aranha@gmail.com



and comprises a large part of our experience: culture, leisure and pleasure. Thus, having the Amazonian context as an inspirational source, I sought to signify my literacy practice in a transdisciplinary way, contextualizing it to our local family experiences: our cuisine, culture and history of diversity: ethnic, religious and cultural.

Keywords: Literacy and Literacy; Learning Project; Amazon Context.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência formativa, intitulado “Alfabetização e letramento no contexto amazônico”, tem como objetivo fundante atuar pedagogicamente frente a um contexto de retorno dos estudantes, após o isolamento social³, de notável crescimento, dos índices de crianças não alfabetizadas. Conforme afirma Dering,

a pandemia da Covid-19 atingiu o mundo e provocou rearranjos em diversos aspectos da sociedade. No contexto brasileiro, a educação foi uma das áreas mais afetadas, pois, além do isolamento social, eclodiram outros graves problemas já existentes. Aliado a isso, fatores políticos e sociais durante o ano de 2020 e 2021 agravaram a situação (Dering, 2021, p. 01).

Com o propósito de enfrentamento ao contexto de defasagem de aprendizagem da leitura e da escrita, busquei traçar metas que pudessem me auxiliar na conquista de melhores resultados de alfabetização e letramento, junto à turma do 3º ano do ensino fundamental. Sobre esse assunto, Colello (2004, p. 01) afirma que “os estudos acerca da psicogênese da língua escrita, trouxeram aos educadores o entendimento de que a alfabetização, longe de ser a apropriação de um código”, e isso envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística.

Nesse contexto, elaborei um projeto de aprendizagem contextualizado, com o propósito de promover, entre os estudantes, um sentimento de pertencimento ao

³ O isolamento social involuntário pode ocorrer por diversas questões, como: a **guerra** (quando os civis são obrigados a isolar-se em casa ou em abrigos por segurança); **questões sanitárias, como no caso do** Decreto 42.061 de 16 de Março de 2020, que determinou o isolamento social, no Estado do Amazonas, como forma de conter o contágio por COVID-19.



contexto, que pudesse atenuar a complexidade que envolve o processo cognitivo, da aprendizagem da leitura e da escrita. Uma vez que, nós somos moradores da região Norte, especificamente no estado do Amazonas, que é a nossa casa e compreende boa parte do nosso referencial de vivências: de cultura, lazer e prazer.

Assim, tendo o cenário amazônico como fonte inspiradora, busquei significar minha prática de alfabetização e letramento, de modo transdisciplinar, contextualizando-a a nossas vivências familiares locais: nossa culinária, cultura e história de diversidade: étnica, religiosa e cultural. Diante das lições tanto de Vygotsky (1987) quanto de Piaget (1987), é possível inferirmos que suas teorias são convergentes, ao afirmarem que a aprendizagem se configura como um processo complexo e se processa em uma relação interativa entre o sujeito e a cultura em que este vive.

Crete na mesma teoria, construí, em sala de aula, com a ajuda dos estudantes, um projeto de aprendizagem, levando em consideração as regionalidades – cultura, alimentos, lugares, tribos indígenas, frutos e municípios –, com o objetivo de atender a uma turma de aproximadamente 28 estudantes.

Desse modo, a turma foi dividida em grupos, para que se tornasse possível alguma padronização, para efeito de coleta de dados e análise de resultados: a) iniciação à leitura, 14 alunos; e b) desenvolvimento do letramento leitura, análise e interpretação de textos. Todos os participantes, na ocasião de aplicação deste experimento, contavam com idades entre oito e nove anos, todos estudantes da turma “B”, do 3º ano do ensino fundamental anos iniciais, da Escola Municipal Professora Lígia Mesquita Fialho, que faz parte da rede municipal de educação, do município de Manaus, no estado do Amazonas. Entendemos ser importante apresentar nossa estrutura de funcionamento, para efeito de contextualização. Eis a nossa escola.



Figura 1: Fachada da Escola Municipal Prof.^a Lígia Mesquita Fialho



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Localizada na rua Paulo Alves, Coroado, Ouro Verde Manaus – AM, a Escola Municipal Lígia Mesquita Fialho foi uma das primeiras escolas da etapa do bairro conhecido como Coroado III. Iniciou suas atividades no ano de 2003, em um imóvel locado e como anexo da Escola Municipal Etelvina Pereira Braga.

A Escola Lígia Mesquita Fialho recebeu ato de criação por meio da lei nº 1.229, de 02 de abril de 2008. Atualmente atende a 360 alunos do 1º ao 5º ano nos turnos matutino e vespertino. Com a última reforma, que começou depois da pandemia de COVID-19 e que ainda está acontecendo, sem suspensão das aulas, atualmente a escola conta com oito salas de aula, uma sala para leitura/informática, uma sala para o reforço escolar, uma sala para os professores com dois banheiros (masculino e feminino), sete banheiros femininos e sete banheiros masculinos e um vestuário masculino e um vestuário feminino, no atendimento aos alunos.



Os benefícios da reforma ainda não foram devidamente sentidos pelos usuários do espaço, sejam estudantes, funcionários e comunidade, tendo em vista que a reforma ainda não acabou e, por esse motivo, atualmente, convivemos com todos os dramas de uma reforma, adequando-nos a cada dia para conseguirmos ministrar nossas aulas, apesar do barulho, cheiro de tinta, poeira, trânsito de trabalhadores da reforma, por vezes, entrada de pessoas estranhas nas salas, durante as aulas, para procederem ao reparo de alguma tomada, maçanetas, porta, materiais espalhados etc. e muitas outras improvisações necessárias para não suspender as aulas e, com isso, prejudicar o ano escolar dos alunos.

Devemos mencionar, ainda, que o prédio locado para o funcionamento da escola foi construído para fins residenciais e que, desde sua criação, passamos por muitas dificuldades, sem um local adequado ao funcionamento de uma escola. Ainda hoje convivemos com muitos problemas estruturais, como, por exemplo, a fiação elétrica, que é incompatível com a manutenção de muitos aparelhos de ar-condicionados instalados nas salas de aula e que, por esse motivo, vivem apresentando problemas em razão da sobrecarga, além de não contarmos com um lugar apropriado ao desenvolvimento das aulas práticas de educação física, tão importantes ao amadurecimento da coordenação motora dos educandos.

Agora, depois de ter o cuidado em contextualizar este trabalho, quanto ao espaço estrutural no qual foi desenvolvido, retornemos ao nosso foco principal, qual seja, o desenvolvimento, pelos estudantes, das habilidades de leitura e de escrita. Podemos mencionar que o referido experimento é de grande relevância acadêmica, partindo do pressuposto de que, para quem atua em sala de aula, é notório que o cenário pandêmico potencializou um dos males que já enfrentávamos no contexto escolar.

O analfabetismo sempre ronda as estatísticas do país e, em razão da desigualdade, marca de modo mais contundente as regiões do país menos



desenvolvidas economicamente. Por isso, combatê-lo diretamente, em cada ano letivo, é, sem dúvida, uma tarefa complexa, um desafio maior, pois exige, do profissional que atua com os seguimentos mais afetados, qual seja, a educação infantil e o ensino fundamental anos iniciais do 1º ao 5º ano, senso de autorresponsabilização e de comprometimento com o seu dever docente, o que impõe ao professor um sentimento de desafio tanto profissional quanto humanitário.

Os professores, a cada novo ano letivo, recebem uma gama de estudantes com desnivelamento na aprendizagem da leitura e da escrita, que, se não devidamente reconhecidas e trabalhadas por estes, tornar-se-á obstáculo crescente na vida escolar do estudante. Corroborando os nossos argumentos, Boff, Basso e Santos (2022) afirmam:

No que diz respeito aos resultados da alfabetização das crianças nos períodos pré e pós-pandemia, constata-se um aumento considerável, a partir de 2021, no percentual de crianças que não sabem ler e escrever no País, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad-c) (Bof; Basso; Santos, 2022, p. 01).

Além das dificuldades que afetam diretamente a aprendizagem da leitura e da escrita, o cenário escolar sentiu também um “duro golpe”, no que se refere à socialização dos estudantes com o ambiente escolar, ou seja, no desenvolvimento afetivo das crianças, no convívio com colegas e demais atores envolvidos no processo. Assim, podemos afirmar que é inegável que a pandemia afetou a aprendizagem das crianças, de modo direto, refletido no desenvolvimento de suas habilidades de ler, escrever, analisar, interpretar etc.

Também afetou áreas periféricas, que refletem indiretamente no desenvolvimento global da aprendizagem, por exemplo, o sentir-se bem na escola, que é tão importante para o desenvolvimento não apenas de habilidades escolares, mas para todo o processo educativo e vida adulta em sociedade. Extraímos isso da escrita da educadora Weyh (2020), quando afirma:

[...] tendo que ultrapassar a tempestade provocada pela Covid-19(...), Secretarias de Educação estão procurando melhorar o ensino remoto (...),



que no que se refere ao cenário caótico, imposto pela pandemia, foi sem dúvida uma boa solução, o ensino remoto, mas também é irrefutável, a afirmação de que este, tem se mostrado incompatível com a realidade de grande parte dos alunos e alunas que frequentam as escolas públicas brasileiras, dada a desigualdade de condições de acesso a recursos tecnológico, enfrentada pela parcela mais carente da população” (Weyh, 2020, p. 03).

Desse modo, a pandemia, no pós-isolamento social, como não podia ser diferente, nos mostrou que a educação escolar se constitui em um complexo de mecanismos sociais e psicossociais e que os educadores são peças fundamentais para que o processo educativo aconteça de maneira satisfatória. Também denotou que, para lidarem, de maneira eficiente e humana, com a nova realidade que se impôs, os educadores necessitaram repensar suas práticas em sala de aula e metaforicamente “arregaçarem as mangas”, em busca de soluções que pudessem minimizar os prejuízos escolares experimentados pelos estudantes, no isolamento social, e que foram identificados pela escola, por ocasião do retorno presencial. Nesse sentido, Marques (2000) corrobora nossos argumentos, ao afirmar:

[...] constitui-se a escola em tempo liberado, e espaço reservado, isento das injunções diretas e imediatas da vida cotidiana bem como das instituições e organizações conduzidas por interesses e preocupações outras que as das aprendizagens formais e sistemáticas referidas ao homem por inteiro. Surge, assim, a escola como lugar, tempo e recursos destinados às aprendizagens em interação dialogal dos nelas interessados com outro socialmente qualificado, para compartilharem do entendimento, da organização e da condução dos processos formais do aprender mediado pelo ensinar (Marques, 2000, p. 87).

Em suma, os objetivos do presente estudo, de experiência formativa, que precipuamente consistia em “Alfabetizar, letrando os alunos que não estavam alfabetizados, na turma do 3º ano B”., e foi norteado de acordo com os objetivos específicos a seguir: a) realizar um diagnóstico dos estudantes que ainda não sabiam ler e escrever na turma do 3º ano B; b) pesquisar os temas pré-selecionados, conjuntamente com os educandos, acompanhando em tempo real através da televisão ligada a um computador em sala de aula; c) conhecer os diversos



seguimentos do estado do Amazonas (fauna, flora, miscigenação da população, tradições, culinária, religião); d) montar o “Silabário Amazônico” de acordo com cada tema abordado na pesquisa coletiva; e) realizar roda de conversa e busca de imagens na internet; f) finalizar com debate e produção escrita pelos alunos, considerando textos verbais e não verbais; g) ampliar o vocabulário, a partir da formação de novas palavras e desenvolvimento de novos conceitos.

O estudo se configura como uma abordagem diferenciada, na prática alfabetizadora, em sala de aula, que visa envolver o estudante como partícipe do seu próprio processo de aprendizagem. Busca tornar a prática alfabetizadora mais dinâmica e, acima de tudo, respeitosa e acolhedora com os estudantes, frente às suas dificuldades ao ler e escrever, buscando acessar os seus conhecimentos prévios, e, dada a abordagem de suas vivências, oportunizar a conversação, o debate, o argumento, a sustentação oral entre eles.

Com o objetivo de suavizar a formalidade imposta pelo processo de desenvolvimento da leitura e da escrita, buscando transformá-lo, em mera representação escrita, oral e fonética de suas memórias e sentimentos, transformadas em textos, parágrafos, frases, letras e fonemas. Admito, como professora há quase 20 anos, que me sinto completamente apaixonada e envolvida pela profissão, e essa atividade foi um grande desafio pedagógico para mim, já que, frente a todos os desafios impostos ao profissional da educação pelos quais passamos em algum momento, muitas vezes imperceptíveis para nós.

Ao adotar uma prática automática em sala de aula, já que são inúmeras as exigências de cumprimento de currículo, número de conteúdo, número de alfabetizados, número de avaliações bimestrais, planejamento enquanto mero formulário etc., acabamos, sem perceber, nos tornando meros cumpridores de demandas, não dispendo de tempo para pensarmos em nós mesmos como seres humanos e dispomos de tempo para refletir nossas práticas pedagógicas.



Com tantas demandas, nós, os professores, acabamos nos tornando trabalhadores braçais, meros cumpridores de tarefas e adoecendo, com isso, quem continua sofrendo é a população, pois a qualidade de ensino fica esquecida e sufocada pela quantidade de demandas.

PRÁTICA DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Assim, durante o período de sete semanas, nosso objetivo de ação em sala de aula consistia em realizar pesquisas verbais e não verbais com os educandos, pela internet, que eram acompanhadas por estes, em tempo real, através de um computador, conectado a uma televisão em sala de aula, mas também poderiam utilizar data show, ao invés de televisão, a depender de cada realidade.

Conforme as pesquisas de músicas, imagens, textos ou vídeos iam se desenvolvendo, os estudantes se descontrolavam a falar, empolgados, todos ao mesmo tempo, e o motivo de tanta euforia era porque a maior parte das imagens exibidas durante a atividade compunham seus repertórios de memórias e/ou vivências pessoais, e que, por intermédio do estímulo promovido pela pesquisa, lhes voltavam, por meio de suas lembranças.

Sobre a tese que levantamos acima quanto à importância da contextualização do ensino como ferramenta de estímulo, impulsionadora da aprendizagem, recorreremos ao estudo de Romero Tavares, que é professor do Departamento de Física/UFPB e doutor em Física pelo Instituto de Física/USP, quando afirma:

Existe uma aceitação quase universal do enunciado de que o conhecimento é libertador das potencialidades das pessoas. Estamos nos referindo ao conhecimento que promove a articulação entre o ser humano e o seu ambiente, entre ele e seus semelhantes e consigo próprio. O conhecimento que promove a autonomia, conecta este ser humano com o seu meio cultural no que diz respeito a crenças, valores, sentimentos, atitudes, etc. E na medida que o indivíduo é autônomo, a partir desta sua estrutura de conhecimentos, ele é capaz de captar e apreender outras circunstâncias de conhecimentos assemelhados e de se apropriar da informação, transformando-a em conhecimento (Tavares, 2022, p. 1).



Voltando à nossa atividade desenvolvida em sala de aula, no momento em que os estudantes começavam a falar ao mesmo tempo, comigo e em paralelo também, fez-se necessária uma intervenção pedagógica, com o objetivo de sistematizar tantas riquezas vindas dos relatos verbalizados pelos educandos. Primeiro, para que não fossem perdidos, depois para garantir que todos pudessem compartilhar da riqueza e diversidade das narrativas trazidas por seus colegas, de modo a enriquecer suas próprias experiências, da maneira mais proveitosa possível para todos, inclusive para mim, como educadora. Por esse motivo, já na primeira semana do experimento, os alunos e eu listamos alguns combinados em conjunto, determinando o momento de pesquisa, o momento da fala individual, a ordem em que a exposição oral seria oportunizada.

Na segunda semana, todos já estavam mais adaptados ao sistema criado em conjunto, então, foi mais tranquilo dividir os momentos planejados para cada etapa da experiência, quando todos participavam da pesquisa, depois faziam suas sustentações orais, apresentando suas experiências individuais. Chegaram, até mesmo, a fazer contraposição aos argumentos de outros colegas, de forma respeitosa e embasada, e debateram reafirmando suas preferências ou opiniões. Finalmente, já na quarta feira, se tudo houvesse corrido bem, entendamos, se todas as etapas do plano de ação tivessem sido cumpridas, no tempo programado, chegaria o momento da produção, de organizar as nossas percepções, experiências e conhecimentos novos em escrita de textos, parágrafos, frases, unidades fonéticas (silábicas).

Para os educandos que ainda não haviam desenvolvido a habilidade da escrita, era o momento de registrar suas narrativas orais, através de desenhos ou de tirinhas ou outro formato, com o qual eles sentissem familiaridade ou quisessem se desafiar. Na quinta-feira e na sexta-feira procedemos à revisão da nossa escrita, que poderia ser desenvolvida de maneira coletiva diretamente no quadro ou de forma individual,



tendo a professora como revisora no quadro ou em alguns cadernos, depois de concluída a revisão.

Chegava o momento em que os estudantes do 3º ano procediam à reescrita com correções da língua usual assim como para os estudantes que ainda não haviam desenvolvido a habilidade da escrita. Eu servia de escriba e registrava, em conjunto, cada grupo de unidade fonética, ou seja, família silábica em um instrumento específico, o qual apelidamos de “silabário amazônico”, em que era registrada, a cada semana, uma parte, que se destinava ao estudo de formação fonética, de acordo com a palavra representativa escolhida por votação direta pela turma.

Além disso, era oportunizada, aos estudantes, outra forma de ler e interpretar o tema estudado, já que aqueles que não sabiam ainda registrar sua análise e interpretação através da escrita poderiam fazê-lo de modo oral e depois proceder ao registro, através de desenhos que iam sendo expostos, no mural da sala de aula, de acordo com o progredir da prática formativa.

A cada rodada, a turma se mostrava mais empolgada para participar da atividade e muitas vezes já chegava em sala, buscando se inteirar sobre o próximo assunto, pois, a cada rodada da semana, eram estudados temas novos, como, por exemplo, municípios, fauna, flora, pontos turísticos, culinária, miscigenação da população, diversidades religiosa, cultural e étnica, deslocamentos, trajetórias, sistema monetário etc.

Para contextualizá-los, iniciei a roda de conversa, em que lançava o tema e os estudantes ficavam livres para acessar e apresentar seus conhecimentos prévios. Sobre a importância da ferramenta “roda de conversa em sala de aula”, a autora Silva (2012) leciona:

[...] estratégia metodológica, roda de conversa, é considerada por diversos autores e especialistas da educação, como uma ferramenta importante para os educadores, porque contribui no relacionamento e na interação entre professor e aluno e entre alunos e seus colegas, pois com o método da Roda de Conversa, o aluno passa a ter voz, é estimulado a se comunicar, melhor contextualizando seu aprendizado (Silva, 2012, p. 01).



Ao serem ouvidos, a maior parte dos alunos, demonstravam amplo conhecimento sobre a região amazônica, compartilhando, com prazer e empolgação, suas memórias do contexto amazônico.

Memórias estas que, quase sempre, estavam ligadas a momentos vividos em família,

Os alunos se mostraram empolgados, ao relatar que gostavam dos passeios ou visita que faziam a outros familiares, que moram em vários municípios do estado Amazonas, e que realizavam esses passeios com seus pais e irmãos. Depois da pesquisa, eles sempre relatavam ter aprendido coisas novas e, muitas vezes, disseram ter compartilhado os novos conhecimentos com seus familiares, o mesmo ocorria até mesmo com alguns alunos que se recusavam a participar de qualquer atividade que exigisse oralidade em sala de aula e que, por não verbalizarem suas opiniões, dificultavam, ao professor, proceder a uma avaliação mais precisa quanto ao seu desenvolvimento global. Para a minha surpresa, começaram a perder a vergonha e se expor, mesmo dois alunos que tinham problema de dicção se sentiram confiantes para participar da experiência e compartilhar, com o grupo, suas memórias e opiniões sobre os temas propostos.

Mesmo no momento da escrita formal, os alunos ainda se mostravam empolgados em transformar seus relatos individuais em sílabas no “silabário amazônico” que construímos no decorrer do experimento, também no momento de registrar algumas de suas histórias no quadro branco em sala. Assim, acredito que essa atividade foi exitosa, pois, ao final de sete semanas, dos 28 estudantes que participaram, posso afirmar que todos os 28 apresentaram significativo progresso na exposição oral, na análise de texto e contexto e, conseqüentemente, na leitura e na escrita.

Na leitura e na escrita, de 19 participantes, que apresentavam acentuada dificuldade na aprendizagem da leitura e da escrita, 12 conseguiram aprender a ler frases e pequenos textos; quatro estão lendo apenas palavras formadas por sílabas



canônicas e não canônicas e pequenas frases. E, ao final do experimento, do grupo que começou a experiência, apenas três não conseguiram alcançar evolução significativa em seu processo, em grande parte, causado pelo número acentuado de faltas na escola, em sua maioria, por falta de acompanhamento familiar.

Durante o processo, dois alunos foram transferidos e três novos alunos, também que não sabem ler, foram inclusos na turma, oriundos de outras escolas, alguns da cidade e outros do interior. Desse modo, devo mencionar que esse experimento foi de grande relevância pessoal para mim, sem dúvida, foi um grande desafio, mas foi repleto de boas surpresas, já que me resgatou academicamente e me estimulou a trabalhar de modo transdisciplinar, pois envolvemos, na atividade, todas as disciplinas do currículo escolar: português (formação de palavras, separação silábica, leitura de textos escritos e de imagens, separação silábica, análise de textos e contextos oral e escrito, ditado, roda de conversa, debate e sustentação oral); matemática (trajetos, distâncias entre dois pontos, medida de tempo: duração de determinado evento; preços das coisas; estatísticas de desmatamento; sistema monetário nacional); ciências da natureza (nossas riquezas culturais – fauna e flora – ; extinção de animais; importância da preservação ambiental; respiração dos animais; animais que vivem na água e na terra; seres vivos e não vivos etc.); história (formação da população amazônica: influência dos povos originários e dos colonizadores da nossa região, influência de enriquecimento cultural, trazido pelos imigrantes venezuelanos e haitianos para a nossa região); geografia (pesquisa de lugares; pontos turísticos; trajeto e mapas; comidas típicas); arte (representação através de desenhos de elementos da nossa fauna ou da nossa flora; desenhos da Bandeira do Amazonas etc.); e finalmente ensino religioso (nossa miscigenação religiosa: o respeito ao diferente; eu e o outro; pluralidade religiosa).



DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA DOS ESTUDANTES DO 3º ANO

Foi muito importante e prazeroso para nós recebermos tanto a equipe formativa da pós-graduação quanto a comunidade, foi um dia repleto de nervosismo pela experiência, querendo que tudo corresse conforme o planejado, mas muito gratificante; foi uma verdadeira validação da nossa experiência em sala de aula e também junto à comunidade.

Figura 2: Desenvolvimento das atividades do experimento em sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

A Figura 3 apresenta o registro de um dia em que estávamos trabalhando o trajeto/deslocamento e formação de frases, a partir de nossas pesquisas da internet e fomos acompanhados pela professora dr.^a. Rudervania Aranha, que foi nossa orientadora e nos ajudou em todo o desenvolvimento do experimento e também durante o curso de pós-graduação.



Figura 3: Aplicação do projeto de aprendizagem em sala de aula

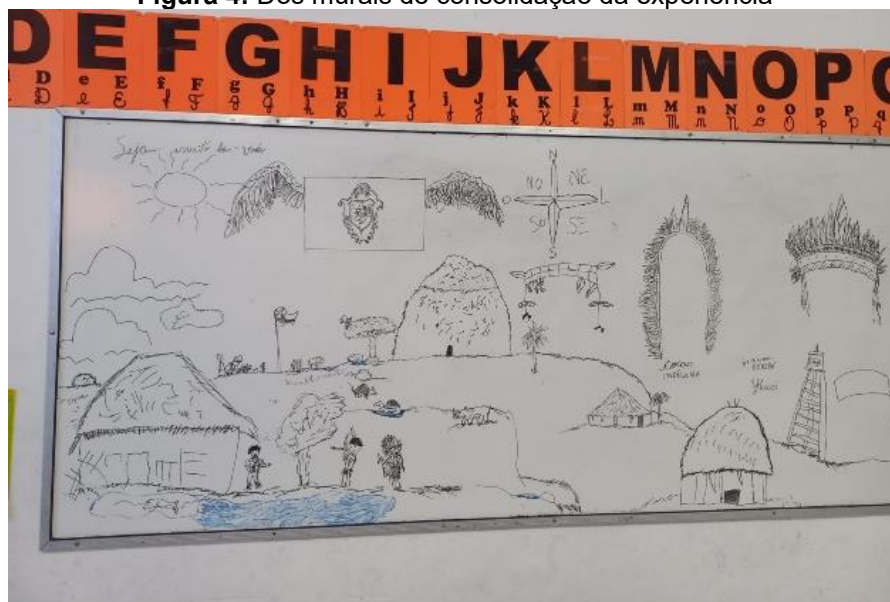


Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Esse foi mais um registro da turma do 3º ano B, quando trabalhamos, em sala de aula, os costumes e tribos indígenas, registramos um belo mural sobre símbolos tribais e seus costumes; foi um dia interessante, quando um estudante mencionou, em sala de aula, que sua avó era indígena e que ele tinha vergonha de declarar, mas que, a partir daquele momento, ele passaria a falar sobre as origens de sua família com orgulho, pois então ele entendia que fazer parte dos povos originários era motivo de orgulho e não de vergonha.



Figura 4: Dos murais de consolidação da experiência



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

O nosso mural de elementos e rotina indígena fez tanto sucesso junto aos estudantes, que o fotografamos e o replicamos na ocasião da mostra cultural, com o objetivo de apresentá-lo também para a comunidade local.

atividade acima mostra um dos muitos momentos de atividade do projeto em sala de aula, representação, por meio de textos não verbais, da análise interpretativa dos estudantes.



Figura 5: Primeiro desenho feito pelos estudantes no Projeto de Aprendizagem (PA)



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Esse momento foi do nosso primeiro dia do projeto, o primeiro desenho feito pelos estudantes do projeto de aprendizagem, quando eles começaram a estudar as primeiras informações sobre seu estado de moradia.

Conforme podemos resumir da observação das imagens apresentadas acima, no início deste tópico, e que, por si, demonstram a riqueza formativa que constituiu para mim, profissionalmente, esse experimento de aprendizagem, passarei a descortinar meus objetivos ao iniciar o presente experimento, ou seja, passarei a proceder a uma narrativa detalhada de como ocorreu a experiência em sala de aula, mencionando, também, as variáveis que foram registradas no percurso e que nos levaram à realização de pequenos ajustes necessários e que acabaram otimizando o desenvolvimento do estudo.



Nesse sentido, buscamos contextualizar o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, com o objetivo de torná-lo menos complexo e sofrido para os estudantes que fizeram parte desse experimento de aprendizagem. Para alcançar nossas metas, pensamos em usar como base os conhecimentos prévios dos educandos, conforme nos ensinam Santos e Rossi, ao afirmarem que

Os conhecimentos prévios tornam possível a aquisição de ideias que podem ser utilizadas no universo das categorizações de novas situações e servem de pontos de ancoragem e descobertas de novos conhecimentos. O trabalho com projetos é uma prática educativa que facilita a atividade, a ação, a participação do aluno no seu processo de produzir fatos sociais, de trocar informações com o outro e desenvolver competências. A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos e quando se engajam em projetos em que trazem contribuições (Santos; Rossi, 2020).

A confiança sentida pelos estudantes em pensar o processo escolar, como parte de experiências já vividas por eles, tornaria o processo de alfabetização e letramento mais natural e menos doloroso, como se fosse apenas o resultado de um processo mais prazeroso, em que as experiências deles são respeitadas e são importantes de modo a lhes propiciar o amadurecimento e fortalecimento da sustentação oral, deixando-os confortáveis para exporem suas opiniões, concordarem ou contraporem argumentos com seus colegas de turma.

Principalmente, por se tratar do resgate de momentos felizes para os estudantes, qual seja, momentos compartilhados com suas famílias e que, naquele momento, não significavam apenas meros conhecimentos prévios. Para eles, o cenário amazônico lhes remete a um resgate de momentos felizes, vividos com seus familiares, e lhes traz à memória os alimentos, os sentimentos e as sensações compartilhados entre eles.

Durante as rodadas de pesquisa, compartilhadas com os estudantes, eles se mostravam tão eufóricos, que, algumas vezes, necessitei sistematizar as manifestações individuais, para que eu pudesse ouvir todos com a devida atenção. Desse modo, tornou-se fácil ouvir a intervenção oral deles e estimulá-los a analisar os



contextos, organizando seus conhecimentos e pensamentos, possibilitando que todos concretizassem sua exposição oral de modo natural, além de facilitar o processo de escrita ou a representação gráfica de suas experiências individuais.

Outra surpresa agradável foi a percepção da diversidade de experiência e conhecimentos trazidos pelos estudantes. Eles sugeriam nomes de frutos, alimentos, pratos típicos, municípios, tribos indígenas que conheciam ou de que já tinham ouvido falar e também os sugeriram, para compor o nosso instrumento de resumo de fonemas, que ficou apelidado de “Silabário Amazônico”, já apresentado nas imagens anexas no início deste tópico.

Devo mencionar que, ao serem confrontadas suas memórias com as imagens pesquisadas na internet, os estudantes rememoravam, com empolgação, histórias compartilhadas sobre familiares ou amigos, que moram ou moravam nesses municípios, e falavam com domínio sobre pontos turísticos, alimentos, população. Enfim, falavam sobre os temas abordados, associando-os com novos termos, como, por exemplo, fauna e flora, preservação ambiental, queimadas, distâncias entre dois pontos, trajetos, meios de transporte, vegetação da floresta amazônica, animais ameaçados de extinção.

No mesmo sentido, a escrita de palavras e frases se mostrou bem acessível para os alunos, eles tinham um conteúdo sobre o qual tinham domínio, só necessitavam transformá-los em palavras, frases ou parágrafos, dependendo do grupo ao qual pertencessem. Ao final da semana, só precisávamos selecionar as palavras que seriam votadas e escolhidas para representar o grupo fonético na ferramenta de resumo “Silabário Amazônico”. A oralização dos grupos de fonemas era realizada em grupo, de modo que a atenção da turma era chamada para a formação de palavras e para seus fonemas e, depois, registradas pela professora no “Silabário Amazônico”, que foi sendo preenchido de acordo com o progresso de cada rodada temática.



Todavia, apesar de considerarmos que o experimento foi exitoso, tivemos um alcance parcial da meta estabelecida, já que, no início do experimento, contávamos com o total de 29 estudantes envolvidos no processo, sendo que dez não eram alfabetizados, 10, já alfabetizados, mas necessitavam avançar na escrita, na leitura e na análise de texto, e finalmente nove que apenas silabavam. Ao final das sete semanas em que durou a aplicação da experiência formativa, tínhamos o seguinte resultado: dos dez alunos não alfabetizados, seis foram alfabetizados, três não conseguiram desenvolver essa habilidade até o fechamento do experimento, possivelmente em decorrência do grande número de faltas às aulas, dos quais, 01 um) é especial e é faltoso. Tendo continuado na garatuja, não consegue diferenciar símbolos e letras ou números. Dos dez estudantes que já haviam desenvolvido a habilidade da leitura, que se encontravam em dificuldade ao se expressar ou em ler e analisar textos, todos progrediram, tanto no que se refere à sustentação oral, quanto no que tange à produção escrita de frases e parágrafos, à leitura de imagens e à interação com os colegas e professora.

Dos nove alunos que silabavam, dois foram transferidos em decorrência de necessidade familiar e setes apresentaram progressos significativos no desenvolvimento da leitura e da produção escrita. Atualmente, a grande maioria está lendo e escrevendo frases e lendo pequenos textos, apenas dois estão lendo e escrevendo apenas pequenas frases e palavras canônicas. Todavia, cumpre salientarmos, que, durante esse experimento, nossa principal dificuldade consistiu no número de faltas apresentado pelos estudantes não alfabetizados, o que dificultou a continuidade do processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO – OFS



Inicialmente, para corroborar meus argumentos, quero traçar breves considerações acerca da importância da formação continuada para qualquer profissional que pretenda desenvolver, com competência, suas atribuições profissionais. Para a atividade docente, essa formação continuada, no meu entendimento, se reveste ainda de maior importância, para manter esse profissional conectado aos fins da educação, já que a educação tem como seu maior e mais importante pilar o grande objetivo de preparar os educandos para a vida em sociedade, seja em seu aspecto social ou no que se refere ao mercado de trabalho. É o que percebemos da análise da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB –, já em sua fase introdutória, art. 1º, caput., em que conceitua educação e explica que está se desenvolve em diversos seguimentos da sociedade: família, organizações sociais e outros. Aqui nos classificamos em instituições de ensino e pesquisa. Em seu § 2º, ainda, o art. 1º, da LDB determina que a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Desse modo, considerando as lições da lei mencionada no tópico anterior, temos que, ao profissional da educação, incumbe o dever de manter sua “práxis”, nos dizeres de Paulo Freire (2006), como um diálogo mantido entre a escola e a comunidade na qual ele está inserida. Em outras palavras, para a escola, incumbe o árduo papel de manter-se atualizada frente às constantes transformações que acontecem na sociedade, na era das tecnologias. Caso a escola não se mantenha atualizada, ou seja, preparada para oferecer o tipo de ensino conectado às necessidades emergentes no cunho social, uma educação que acompanhe as novas necessidades que surgem em sociedade, padeceremos as perdas causadas ao fim da educação, qual seja, vale repetir, preparar o indivíduo para a vida em sociedade.

Neste ponto, cabe-nos uma pergunta: como ensinaremos o que nem chegamos a aprender? Assim, creio que, enquanto profissional da educação, tenho o dever de adotar uma postura de aprimoramento contínuo, que ocorre, para nós professores, na



formação continuada, considerando que, em nosso país, não somos valorizados como deveríamos ser, pois sustentamos, com o nosso fazer, o futuro escolar do país. Não bastasse a desvalorização dos professores, somos mal remunerados, mal ganhamos o dinheiro necessário à nossa subsistência, o que frustra qualquer consciência profissional, já que, quando essa consciência de responsabilidade de aprimoramento profissional é submetida às necessidades do mínimo existencial (comer, beber, vestir, morar), com a nossa família, ela acaba preterida e transforma o cientista em sobrevivente.

Este acaba se frustrando cada dia um pouquinho, e, com o passar primeiro dos anos, e depois das décadas, ele se transforma em deprimido pessoal e profissionalmente frustrado, quando, se lhe tivessem sido oportunizados recursos diferentes, ele estaria explorando seu melhor potencial criativo, e quem ganharia com essa valorização do profissional seria a população, que finalmente conseguiria alcançar o tão sonhado e merecido ensino público de qualidade.

Infelizmente, estamos vivendo “a era da culpa da vítima”, muitos governantes têm nos deixado sem recursos, para justificarem a terceirização da educação, promovida por meio de contratos milionários, fechados entre a iniciativa pública e as grandes corporações, que inserem nas escolas ferramentas inúteis (simulados, plataformas, videoaulas etc.), que, sem a atuação do professor em sala de aula, que as torna minimamente funcionais para os alunos, elas nem chegariam a ser assistidas ou acessadas. Enchem as escolas de jovens, muitas vezes sem qualquer experiência profissional na educação, fazendo imposições aos professores, exigindo que o professor cumpra números de acessos nessas plataformas etc., para que essas empresas continuem justificando, para a sociedade, a necessidade de manutenção dos famigerados contratos milionários.

Com o objetivo de manter tais contratos, promovem verdadeiras campanhas difamatórias contra os profissionais da educação, com poucas intenções claras.



Todavia a sociedade, como um todo, deve questionar quais os prejuízos que essas práticas ocasionarão para a educação, considerando que, em poucos anos, esses jovens já serão os profissionais sustentando o mercado de trabalho. Quais prejuízos causarão para os estudantes em médio e longo prazo? Queremos formar meros respondedores de questões de múltipla escolha e com baixa capacidade reflexiva? A resposta ainda não sabemos, o que já podemos afirmar é que, na leitura desses governantes, o processo educativo é visto de modo reducionista, com a crença de que educação significa apenas quantidade de conteúdos ministrados, não considera o complexo mecanismo que é a aprendizagem e as singularidades humanas. Vemos na escola, atualmente, crianças com crise de ansiedade e sobrecarregadas, tendo de cumprir conteúdos curriculares, apostilas e mais apostilas, simulados e mais simulados, videoaulas e mais videoaulas.

Devo repetir, cenário desolador que objetiva apenas números e estatísticas e que também cria professores sobrecarregados, mais com a justificativa da ação do que com o objetivo da educação, que deveria ser formar seres humanos preparados para influenciarem positivamente em sua sociedade. Agora somos trabalhadores braçais e não intelectuais, e profissionais apaixonados pela educação são transformados, por um sistema que os desvaloriza, em meros cumpridores de intermináveis demandas meramente burocráticas, que nos são exigidas todos os dias e que pouco ou nada têm a ver com a valorização do ser humano ou com o processo educativo.

Desse modo, voltando a nosso argumento principal, qual seja, a importância da formação continuada, dado o contexto apresentado, aquele se reveste de extrema relevância, pois consiste em uma pequena esperança para a educação, que se propõe, por determinação legal às instituições, a manter seus profissionais minimamente conectados à realidade que os cerca. Para formarmos indivíduos capazes de se tornarem autônomos na sociedade, também devemos ser professores



pesquisadores e receber, da Fazenda Pública à qual pertencemos, as ferramentas necessárias para que possamos desenvolver nossas funções com a eficiência devida. Nesses termos, para corroborar nossos argumentos, Delores (2003) entende que a qualidade de ensino é determinada tanto ou mais pela formação contínua dos professores do que pela sua formação inicial, o que entendemos do mesmo modo.

Neste ponto, tendo apresentado os argumentos acima quanto à importância da formação continuada para o desempenho da atividade docente, quero relatar, brevemente, quão desafiador, importante, reflexivo e redirecionador das minhas práticas educativas foi participar desse projeto. As Oficinas de Formação em Serviço, apelidadas de OFs, possibilitaram muitos benefícios aos seus participantes, tanto a gratuidade da formação continuada quanto os meios para participarem das aulas que eram ministradas durante meu expediente normal de trabalho, no meu local de trabalho, já que, enquanto estávamos em aula da especialização, éramos substituídos em sala de aula por estagiários da Universidade do Estado do Amazonas (todos futuros professores), que agiam sob a orientação de sua orientadora, também membro do Projeto OFs, que os acompanhava durante o período em que estavam em atividades com os alunos. Para que fosse possível a inexistência de qualquer prejuízo letivo aos estudantes, os professores regentes de cada turma já deixavam as atividades do dia programadas, respeitando o cumprimento do currículo de cada fase de ensino, e os estagiários acompanhavam os estudantes durante a realização destas, enquanto os professores regentes também participavam das aulas e/ou realizavam suas atividades da pós-graduação.

Para nós, servidores públicos da Secretaria Municipal de Educação, as OFs também eram de imensurável relevância, pois, enquanto nossos alunos estavam em aula normal, era-nos também possibilitado refletir sobre nossa própria conduta profissional, pensar em nós mesmos, enquanto gestores do processo de ensino aprendizagem, e em como nossas ações refletiriam na qualidade do ensino, o que



contribuía para que refletíssemos sobre nossas fraquezas e otimizava nossa prática cotidiana junto aos discentes. Em cada aula, era-nos estimulada a aplicação, em sala de aula com os estudantes, dos novos aprendizados incorporados ao nosso repertório, como, por exemplo, novas sugestões de métodos e ferramentas que poderiam melhorar os resultados dos estudantes, além de nutrir nossa formação intelectual inicial, lembrando quanto à importância de se valorizar o conhecimento docente já científico por meio das teorias e aumentar nosso referencial teórico, validando nossa prática diária junto aos alunos.

Por fim, depois de lembrar sobre nosso arcabouço teórico e de ampliá-lo, passávamos a refletir sobre nós mesmos, sobre nossas origens, dramas de vida e infância, e esse exercício nos permitia não apenas administrar melhor nossos dramas pessoais como nos humanizava, frente aos conflitos que surgem no cotidiano escolar com nossos alunos, tornando-nos mais humanos e preparados para desenvolvermos melhor abordagem junto ao nosso espaço de atuação profissional, que ora se trata de tornar o ambiente mais atrativo para nossos alunos, ora se trata da nossa conversação com a comunidade e, por fim, entre nós mesmos, trabalhadores da educação.

Além de todos os benefícios exemplificados acima, tão importantes e resgatadores que foram, estes ainda foram complementados pela validação do título de especialistas e com a merecida valorização profissional, proporcionada pelas prerrogativas inerentes ao título de especialista, que será concedido ao final do processo.

Por fim, quero lembrar o quão transformador, para nós, especializando das OFs, foi a mostra cultural, como culminância dos anos de participação na especialização, pois foi o momento em que realmente materializamos nossos aprendizados por meio do nosso projeto de pesquisa, consolidado naquele momento, apresentado como resultado, em sua maioria positiva, do nosso estudo, obviamente, também nos incumbiu de falar dos nossos percalços, sendo que mesmo estes tiveram para nós um



resultado afirmativo de experiências que continuaremos levando para nossas salas de aulas, como condutas a ser evitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mesmo sentido, quero agradecer todos os envolvidos nesse projeto pioneiro, que, com suas ações de parcerias, engajamento e atividade intelectual e social, trabalham, incansáveis e determinados, a enfrentar todos os obstáculos para promover, junto às instituições postas, a qualidade na educação.

Isso dito, afirmo que a grande massa de profissionais da educação são verdadeiros apaixonados por seu ofício, o que não significa que não sejamos críticos da nossa realidade, da falta de valorização profissional perante a sociedade, também de certos governantes e até mesmo de alguns de nossos semelhantes, o que nos assombra e nos incomoda, mas, sem dúvida, o profissional da educação deve ser a maior legião de apaixonados pelo trabalho que desenvolve de que se tem conhecimento.

Por fim, entendemos que, de modo indireto, toda atividade educativa, por sua natureza, também é política e social, por entender que a Constituição Federal, em seu art. 205, mas também no artigo 6º, este último que se refere ao título dos direitos sociais, determina que a educação é direito de todos e dever do Estado. A mesma previsão encontramos tanto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA –, na qualidade de diploma responsável por garantir a proteção integral da criança e do adolescente, e, do mesmo modo, dispõe a lei específica da educação – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –, mais conhecida como LDBEN, que resguardam tão importante direito e afirmam, de modo implícito, os cunhos social e político da educação.

As legislações citadas asseguram o cumprimento desse direito a todo cidadão, brasileiro ou estrangeiro, com o entendimento de que a educação, enquanto direito



fundamental, é base para a construção e manutenção de uma sociedade capaz de melhorar o futuro.

Desse modo, incontestável é a afirmativa de os quatro pilares da educação, “Histórica, pedagógica, política e social”, são indissociáveis e complementares entre si. Incontroso que a atividade docente se constitui de consciência do contexto, consubstanciada pelos inúmeros processos durante o ano, de que pesquisa, ação, reflexão, mensuração de resultados, autoavaliação e ajustes de metas ficam conhecidos genericamente como processo educativo.

Desse modo, termino meu estudo, na esperança de que as instituições apoiem mais a educação e valorizem mais seus profissionais, seja da portaria escolar, das sedes, das secretarias de educação, somos todos trabalhadores da educação, todos merecemos respeito, consideração e, principalmente, condições dignas de trabalho e oportunidades de crescimento profissional.

REFERÊNCIAS

BOFF, A. M.; BASSO, F. V.; SANTOS, R. Impactos da pandemia na alfabetização das crianças brasileiras. v. 7 (2022): **Caderno de Estudos em Pesquisas em Políticas Educacionais: Impactos da Pandemia**. Disponível em: <https://doi.org/10.24109/9786558010630.ceppe.v7.5573>. Acesso em: 08 jul. 2023.

BRASIL. **Decreto 42.061 de 16 de Março de 2020**. Disponível em: <https://www legisweb.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2023.

BRASIL. Lei, nº 9.394/1996, Art. 3º, § 1º e 2º. Disponível em: http://portal.mec.gov.br › pdf › lei9394_ldbn1. Acesso em: 23 ago. 2023.

COLELLO, S. M. G. **Alfabetização e Letramento**: Repensando o Ensino da Língua Escrita. Videtur, 2004.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. 8. ed. - São Paulo: Cortez, 2003.

DERING, R. O. A educação no Brasil em tempos de pandemia (antes-durante-após): reflexões na perspectiva decolonial. **Ensino Em Perspectivas**, 2(4), 1–16.2020.



Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6602>. Acesso em: 11 jul. 2023

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática Educativa. 53 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

MARQUES, M.O. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Evento: XXV Jornada de Pesquisa ODS: 4 - Educação de qualidade 10 2.ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2000.

PIAGET, J. **Aprendizagem e Conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**, Rio de Janeiro: Forense, 1987.

SANTOS, M. A.; ROSSI, C. M. S. Conhecimentos prévios dos discentes: contribuições para o processo de ensino-aprendizagem baseado em projetos. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 39, 13 de outubro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/39/conhecimentos-previos-dos-discentes-contribuicoes-para-o-processo-de-ensino-aprendizagem-baseado-em-projetos>.

SILVA, A. **A Roda de Conversa e Sua Importância na Sala de Aula**. Repositório Unesp, 2012.

TAVARES, R. G. **Aprendizagem significativa**. Disponível em: https://cmapspublic3.ihmc.us/rid=1227265963609_1109896658_6327/AprendizagemSignificativaConceitos.pdf, Acesso em: 08 ago. 2023.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WEYH, L. F.; NEHRING, C. M. **O Reflexo da Pandemia na Educação e no Trabalho Docente**. Salão do Conhecimento, 2020.